

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

16



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Boletim
Museu Histórico
de Londrina

16



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

Reitora

Profª Drª Berenice Quinzani Jordão

Vice-reitor

Prof. Dr. Ludoviko Carnascialli dos Santos

Diretora Acadêmica

Profª Drª Regina Célia Alegro

Coordenação Geral

Profª Drª Regina Célia Alegro

Editores

Profª Drª Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Comissão Executiva

Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Foto Capa

Rui Antonio Frias Cabral
Amauri Ramos da Silva

Fotos Contracapa

Wilson Grande
Rui Cabral - Acervo MHL
Amaury Ramos da Silva

Projeto Gráfico

Marcela Almeida Brasil

Diagramação

Petra Schauff Mendes

Fonte

Adobe Garamond Pro e Din

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina/Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. - Londrina-PR: Universidade Estadual de
Londrina, v.1 n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina - História. 3. Universidade Estadual
de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Realização



Universidade
Estadual de Londrina



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

FUNDAÇÃO
ARAUCÁRIA
Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

SUMÁRIO

Apresentação

Regina Célia Alegro.....05

1. Projeto

1.1. Contação de Histórias do Norte do Paraná: memória e educação patrimonial - 4ª etapa
Thiago Souza Brito.....06

2. Exposição

2.1. Exposição "Camisa Branca: transgredindo o tempo".....07

3. Artigos

3.1. Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná
Wallace Hepburn Morton, 1906-.....08

3.2. O rapto da mulher dama e o demônio: a presença e a influência da cultura nordestina na obra de Paulo Menten
Raphael Soares Menten.....13

3.3. Lutamos pela nossa história: o caso do Museu Municipal Gecy Fonseca de Bela Vista do Paraíso/PR
João Davi Avelar Pires.....17

4. Entrevista

4.1. Gordon Fox Rule.....20

5. ASAM

5.1. A associação de amigos existe para apoiar o museu.....22

APRESENTAÇÃO

A etapa atual do Programa de Extensão “Contaçon de Histórias do Norte do Paraná: memória e educação patrimonial” desenvolvido pelo Museu Histórico de Londrina com apoio do PROEXT/MEC/SESU nos impulsiona ao maior contato com instituições e agentes envolvidos em projetos e coleções de fundamentais para a memória e o patrimônio histórico na região de Londrina.

Por isso, esse número do Boletim do Museu traz um artigo de Raphael Soares Menten, gestor do Atelier de Gravura Paulo Menten, sempre envolvido em projetos voltados à preservação da identidade e memória do artista, foi curador da exposição “Paulo Mentem: 90 anos de gravura”, realizada no Museu Histórico de Londrina. O autor destaca a série de gravuras “O rapto da mulher dama e o demônio”, expressão da necessidade de Paulo Menten de representar e manifestar-se no contexto vivenciado e nos ajuda a compreender a presença de traços da cultura nordestina na sua obra.

João Davi Avellar, mestre em História Social e professor de História na rede de ensino básico, assumiu um desafio e tanto: recuperar o acervo do Museu Municipal Gecy Fonseca de Bela Vista do Paraíso (PR). O prédio que abrigava o Museu desabou em 2010 e desde então o acervo permaneceu em condições inadequadas. Pois, diante da falta de ação e perspectivas, o professor João Davi e seus alunos do Ensino Médio resolveram arregaçar as mangas e agir para que o estrago não fosse total. Incrível o que eles conseguiram: o museu que não estava morto, renasceu. E nós que colaboramos para esse feito, temos mais uma oportunidade de refletir sobre a experiência de atribuir sentido e significado ao patrimônio histórico e cultural.

Ainda, esse número traz um texto de Wallace Hepburn Morton, 1906-, engenheiro assistente da “Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná”, admitido em 1929. Morton ofereceu seu texto, escrito em Londres, em 1983, para o amigo Larionoff, que o entregou ao Museu Histórico de Londrina. Embora a distância no tempo, temos em comum com o autor o entusiasmo por multiplicar narrativas sobre a ferrovia, por memórias ferroviárias e por compreender o processo de reocupação do norte do Paraná.

Regina Célia Alegro

Museu Histórico de Londrina

1. PROJETO

1.1 Contação de Histórias do Norte do Paraná: memória e educação patrimonial - 4ª etapa

Thiago Souza Brito¹

Essa proposta constituiu-se como a quarta etapa da ação extensionista do Museu Histórico de Londrina iniciada em 2010, com base em três pressupostos: a) a construção coletiva da memória e da expressão identitária regional é trabalho que demanda negociações relativas à pesquisa e documentação para ampliar o ingresso de diferentes grupos e acontecimentos em acervos públicos; b) a escola com inserção comunitária pode constituir espaços de reconhecimento social; c) carências comuns aos jovens, inclusive de valores sociais estruturantes da vida coletiva que dificultam a construção da identidade adulta, podem ser enfrentados na relação entre educação e patrimônio, e seu lugar no ensino.

Busca incentivar na escola, idéias e práticas de conservação da memória e do patrimônio, orientar e acompanhar os envolvidos na elaboração e execução dos seus projetos de estudo, estimular nos jovens o sentimento de pertencimento e a valorização das memórias dos moradores locais e do seu patrimônio cultural, produzir novos registros para a memória local e identificação do patrimônio. Oferece oficinas para estudantes em escolas da rede pública e reuniões mensais para formação de professores participantes. Esse trabalho tem produzido formação situada, descoberta de documentos inéditos e publicações envolvendo professores do ensino básico.

Nessa etapa destaca a recolha de narrativas orais - os “causos” - junto às comunidades com origens sociais e culturais diversificadas. Buscar “outras” memórias, visando a multiplicidade, valorizando a cultura imaterial (costumes, práticas, saberes) e evidenciando os elementos que traduzem a diversidade e especificidades dos sujeitos no cotidiano. Ações anteriores indicam que crianças, assim como adultos de diferentes idades, conhecem “causos” e que essa é ainda uma prática comum numa cidade que se constituiu sob a baliza do moderno. Podem aprender a tomá-los como fontes na sala de aula para a compreensão do norte do Paraná e para a reflexão sobre diferentes identidades nesse espaço.

Como produto desse esforço espera-se uma cartografia de “causos”, a sua análise como expressão do tempo da memória, a divulgação de um catálogo expressando o mapeamento desse patrimônio imaterial da cidade e a descoberta de novas possibilidades para o ensino.

.....
1 Graduando em História pela Universidade Estadual de Londrina e bolsista PROEXT/MEC/SESU no programa Contação de Histórias do Norte do Paraná.

2. EXPOSIÇÃO

2.1. Exposição “Camisa branca: transgredindo o tempo”

Camisa branca: transgredindo o tempo é o nome que leva a exposição realizada pelo curso de Design de Moda, da Universidade Estadual de Londrina, no Museu Histórico de Londrina, cuja estrela é a camisa, há séculos uma peça clássica do vestuário.

A exposição marca os 20 anos do Curso de Design de Moda da Universidade e apresenta os resultados do Projeto Experimental, trabalho acadêmico que faz parte do projeto pedagógico da 3ª série do curso de Design de Moda da UEL. O projeto teve início em agosto de 2016 e foi a primeira vez que foi desenvolvido em um formato de exposição. O start foi dado com a definição do estudo da alfaiataria – segmento de camisaria - como temática principal. Após esta definição, os estudantes realizaram pesquisas sobre a história da camisa e reproduziram camisas antigas e também peças que antecederam o surgimento das camisas como atualmente conhecemos. Nestas reproduções foram realizados estudos de tecidos, aviamentos e tecnologias da época em que as camisas foram costuradas.

Logo após esta etapa houve a criação de uma marca fictícia para este segmento (camisaria). Os alunos projetaram sua missão, valores e objetivos, público-alvo e identidade visual. A partir daí, divididos em duplas ou trios, realizaram a criação de produtos para o consumidor definido pelos estudantes, sendo alguns produtos para os dias atuais e outros para o ano de 2067 (futuro).

É interessante ressaltar que o público definido por todos os alunos tem um perfil de “fora-da-lei”, ou seja, é um consumidor que tem um olhar sobre o mundo diferente da maioria das pessoas. Ele enxerga os acontecimentos do mundo de maneira crítica e atua na sociedade em prol de seus ideais – inclusive no âmbito do consumo - portanto, podemos dizer que este consumidor é uma pessoa realmente contemporânea. Desta forma, cada dupla escolheu trabalhar com uma temática específica que envolvesse este perfil maior. Estas temáticas, tais como sustentabilidade, feminismo, androginia, igualdade racial e de gênero, entre outras, permearam toda a criação das camisas para a exposição.

A abertura da exposição contou com uma performance especial, que integrou todo o conceito do projeto com a expografia desenvolvida pelo arquiteto Julio Vida.

O projeto foi coordenado pelo Colegiado de Curso de Moda.

3. ARTIGOS

3.1. Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná

Wallace Hepburn Morton, 1906-

Resumo: Wallace Hepburn Morton, 1906- trabalhou como engenheiro assistente na Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná. Chegou a Ourinhos (SP) como funcionário da britânica Macdonald, Gibbs & Co. Ltda. que atuou na locação final e extensão da estrada de ferro de Cambará rumo ao oeste do Paraná, cuja construção foi iniciada em 1929. Esse texto foi doado ao russo Eugênio Victor Larionoff, funcionário da Companhia de Terras Norte do Paraná. Larionoff o incluiu numa coletânea de artigos com a qual presenteou o Museu Histórico de Londrina. Os textos dessa coletânea serão, a partir desse número, publicados no Boletim do Museu.

Palavras-chave: Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná; Wallace Hepburn Morton, 1906-; Companhia de Terras Norte do Paraná; Eugênio Victor Larionoff.

É de se esperar que, quando a história de Londrina for escrita, a parte tão importante desempenhada pela estrada de ferro que serviu a mesma nos seus dias primitivos, conhecida então como *Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná*², não seja esquecida.

Quando a Cia. de Terras Norte do Paraná foi fundada e os 500.000 alqueires comprados, não havia meios de acesso a essa vasta região de matas virgens. Como essa área tinha que ser levantada e as suas divisas claramente estabelecidas, o trabalho foi confiado ao Dr. William Reid, que foi contratado como engenheiro-chefe da Cia. de Terras Norte do Paraná.

A fim de iniciar os levantamentos, o Dr. Reid estabeleceu um acampamento nas cercanias de Presidente Prudente, no Estado de São Paulo, de onde as divisas das terras eram mais acessíveis. Deste acampamento os levantamentos foram feitos e controlados. Entendo que esse trabalho foi iniciado em 1926.

Enquanto o trabalho estava em andamento para o estabelecimento das divisas da Cia. de Terras, a questão de acesso às terras também estava recebendo consideração muito séria. Era óbvio que tinha que haver uma estrada de ferro, visto que só uma estrada de ferro teria condições para dar escoamento aos produtos das terras, dos quais o principal, como se esperava, seria o *café*.

Como a Estrada de Ferro Sorocabana e essa altura já havia sido construída de São Paulo até além de Presidente Prudente, a qual corria numa direção noroeste de São Paulo, a parte superior da estrada de ferro corria sempre bem perto da divisa do Estado de São Paulo com o Estado do Paraná. Várias rotas foram então estudadas, todas elas começando da Estrada de Ferro Sorocabana e todas elas seguindo em direção oeste até atingirem as terras da Cia. de Terras.

Foi então que a Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná foi trazida à atenção dos planejadores. Esta estrada de ferro tinha início em Ourinhos, cidade localizada no quilômetro 400 (?) da Estrada de Ferro Sorocabana, e possuía a concessão dos Estados de São Paulo e do Paraná para a construção da estrada de ferro de Ourinhos e Guaíra, no Rio Paraguai. Era de se esperar que o governo do Paraguai continuasse a linha até a sua capital, Assunção.

.....
2 Todos os itálicos são do autor.

A estrada de ferro, que daqui por diante chamarei de “São Paulo-Paraná” para abreviar, era o sonho de um grupo de fazendeiros paulistas, os quais, reconhecendo as ricas “terras roxas” da parte norte do Estado do Paraná, haviam aberto fazendas naquela região.

O grupo de fazendeiros incluía as famílias Barbosa Ferraz, Junqueira e Procópio e mais o Dr. Willie da Fonseca Brabazon Davids, cujo nome todos nós lembramos.

No ano de 1926 a estrada de ferro estava construída até Cambará, cidade esta que juntamente com Jacarezinho, foram as duas primeiras a serem fundadas na parte norte do Paraná. Nesta parte a fronteira entre São Paulo e Paraná era formada pelo Rio Paranapanema de forma que, para chegar até Cambará, que foi fundada pela família Barbosa Ferraz, uma ponte de aço de cerca de 300 metros de vão tinha de ser construída e isso pesava muito nos recursos financeiros da Estrada de Ferro.

Ao ter conhecimento da São Paulo-Paraná e de que a sua rota para Guaíra passaria bem no centro das terras da Cia. de Terras, esta instruiu o Dr. William Reid a fazer um rápido levantamento para o prolongamento da estrada de ferro até Jatahy (hoje Jataizinho), uma pequena cidade de fronteiras à beira do rio Tibagi, a qual foi estabelecida como posto-avançado militar para ficar de sentinela contra uma possível invasão pelo Paraguai.

O Dr. Reid verificou que a construção da extensão da São Paulo-Paraná de Cambará até Jatahy era possível, mas que significaria o cruzamento de três rios, o Cinzas, o Laranjinhas e o Tibagi, antes de atingir as terras da Cia. de Terras. Isso significaria o cruzamento de três e a subida de quatro espigões antes de chegar às terras da Cia. de Terras. O trajeto era completamente contrário a tudo que havia sido aprendido por construtores de estradas de ferro no Brasil, isto é, que as linhas férreas deviam ser construídas nos espigões, visto que, desta forma, a construção seria mais fácil e as rampas não seriam tão íngremes e também porque os rios eram todos maláricos.

Cientes de todas estas dificuldades, a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná foi adquirida de seus proprietários originais no início de 1928, e o Dr. T. D. Hamilton foi trazido da Inglaterra como o seu diretor-gerente devido à sua larga experiência em estradas de ferro no Brasil e no Peru. O Dr. William Reid assumiu os deveres de engenheiro-chefe juntamente com iguais deveres e na mesma categoria que ele possuía na Cia. de Terras.

O Dr. Hamilton logo percebeu que a São Paulo-Paraná possuía uma equipe de funcionários graduados tão boa quanto a de qualquer outra estrada de ferro do Brasil. Eram os seguintes: Hermínio Soci, Chefe de Tráfego; Carlos Deviene, Chefe do Movimento; Oswaldo Pareto Torres, Chefe de Contabilidade, Benedito Monteiro, Contador, e Hubert Formby, Chefe das Oficinas. Com tal corpo de assistentes leais, honestos e dedicados, o futuro da Estrada de Ferro estava garantido.

Foi em 1928 que um contrato foi feito com a firma britânica Macdonald, Gibbs & Co. Ltda., para a locação final e extensão da estrada de ferro Cambará em diante, e cedo, em 1929, a construção foi iniciada.

O acampamento principal da Macdonald Gibbs foi localizado em Cambará. Em 1929 eu cheguei a Ourinhos a fim de assumir os deveres de engenheiro assistente na São Paulo-Paraná, e alguns meses mais tarde o Dr. James Lister Adamson também entrou para a estrada de ferro, também como engenheiro assistente. Logo em seguida eu fui promovido para Chefe de Linha e responsável para a manutenção da via permanente da linha em tráfego e da construção do pátio ferroviário em Ourinhos, enquanto o Dr. Adamson foi feito engenheiro residente para supervisionar as obras que estavam sendo feitas pelos empreiteiros Macdonald Gibbs.

Aqueles eram dias emocionantes em Ourinhos porque novo material-rodante,

incluindo locomotivas, estava chegando da Inglaterra para substituir o equipamento desgastado que a Estrada de Ferro então possuía. As novas oficinas que levantei em Ourinhos foram postas em uso total, à medida que elas eram usadas para a montagem das novas locomotivas e material rodante. Novos desvios foram instalados no pátio de manobras para os trens de carga que partiam e chegavam. Ourinhos começou a parecer um grande terminal ferroviário.

Enquanto isso, a firma Macdonald, Gibbs havia começado o levantamento final da estrada de ferro e a construção da primeira seção, partindo de Cambará, foi iniciada. Essa seção possuía duas estações: Meireles e Ingá (atualmente Andirá), no Km 52(?) que marcava, mais ou menos, o fim das plantações de café, sendo que daí por diante, a linha seria construída em plena mata virgem, a ponte construída sobre o rio Cinzas e um início de subida do espigão Cinzas-Laranjinhas. Esta seção foi completada em 1930, o rio Cinzas cruzado por uma ponte de aço, e a estrada de ferro chegava ao quilômetro 125, que estava localizado no alto do espigão entre os rios Cinzas e Laranjinhas. Nesta seção da linha, estações foram construídas a saber: Bandeirantes, no Km 82, Sta. Mariana, no Km. 108 e Cornélio Procópio, no Km 125.

A firma Macdonald Gibbs então mudou o seu acampamento de construção para Cornélio Procópio a fim de iniciar a seção final da linha até Jatahy, à beira do rio Tibagy, o que incluiria a construção de uma ponte sobre o rio Laranjinhas e a conquista da temível Serra Morena.

Macdonald Gibbs foi bem sucedida e completou esta obra e a estrada de ferro foi aberta para o tráfego no começo de 1932. Esse ano como acesso às suas terras agora disponível, também viu o início da colonização das terras da Cia. de Terras. Uma estrada de rodagem havia sido construída até o “Patrimônio” no local conhecido como “Três Bocas” e uma cidade havia sido planejada, o mato derrubado e ruas construídas. Foram também construídas casas para o Diretor Técnico da Cia. de Terras Norte do Paraná, Dr. Willie Davids, para o médico, Dr. Kurt Mueller, e para os funcionários solteiros da Cia. de Terras. Estas casas foram edificadas usando o madeiramento das casas do acampamento de construção da Macdonald Gibbs. A casa para os funcionários solteiros, que havia sido a casa dos funcionários solteiros da Macdonald Gibbs, ao ser edificada em Londrina, manteve o seu nome original de “Casa Sete”.

A essa altura o nome de “LONDRINA” foi dado à nascente cidade, por sugestão do Dr. João Sampaio, um dos diretores da Cia de Terras.

Em 1931, a construção da estrada de ferro estava completada até Jatahy, e esta última seção foi entregue ao tráfego em 1932.

Em 1931, a Estrada de Ferro e a Cia. de Terras foram honradas com a visita de Sua Alteza o Príncipe de Gales, mais tarde Duque de Windsor, e seu irmão, Príncipe George. Os príncipes, juntamente com outros hóspedes famosos, incluindo o falecido Lord Lovat, viajaram até Ourinhos num trem especial fornecido pela E. F. Sorocabana, o qual depois continuou viagem até Cornélio Procópio que era então o fim do tráfego para a São Paulo-Paraná, com locomotivas daquela Companhia.

Era a intenção da Companhia de que os príncipes fossem até o Patrimônio, o qual seria mais tarde o início de Londrina. Porém, tomando conhecimento das condições precárias das estradas de rodagem através das matas que teriam de percorrer até chegar ao “Patrimônio” em modelos antigos de carros Ford, os príncipes decidiram que seria preferível ver a construção da estrada de ferro que estava em progresso e assim foram a pé caminhando pela linha, até o acampamento de empregado inglês, Capitão Digby.

Londrina, então, perdeu a oportunidade de ser visitada por dois membros da família real britânica, bem no seu início.

Com a estrada de ferro em Jatahy, um serviço rodoviário entre Jatahy e Londrina foi instalado, pela própria Estrada de Ferro e pela Cia. de Terras, para o transporte de passageiros e mercadorias entre o fim da linha e Londrina. A balsa para cruzar o rio Tibagy era, originalmente, muito simples, usando duas canoas feitas de troncos de árvores, e podia transportar apenas um caminhão por vez. Então me foi dada a incumbência de desenhar e construir uma nova balsa que teria três barcaças de aço e uma capacidade para seis caminhões carregados. Esta nova balsa permitiu o transporte rápido de cargas pesadas.

O ano de 1932 viu muitas mudanças no pessoal da Estrada de Ferro. O Dr. William Reid, que havia completado todas as obras a ele designadas na Cia. de Terras e na São Paulo-Paraná, deixou ambas as companhias e voltou para a Grã Bretanha. Devido ao seu estado precário de saúde, o Dr. T.D Hamilton pediu a sua demissão como gerente-geral da Estrada de Ferro e na minha volta de férias na Grã-Bretanha, fui nomeado como gerente geral interino, cujo cargo foi confirmado mais tarde no mesmo ano.

Cedo em 1933, recebemos instruções para preparar uma estimativa de custo para o prolongamento da linha da barranca ocidental do Rio Tibagi até Londrina, cidade esta que mesmo naqueles dias longínquos, crescia a cada dia que passava. O orçamento foi aprovado e o Dr. Adamson, ao regressar de férias Grã Bretanha, assumiu a responsabilidade da obra que seria feita por empreiteiros locais. O contrato com a construtora Macdonald, Gibbs & Co. Ltda. terminou depois que a linha chegou a Jatahy.

O trabalho foi iniciado imediatamente. Naquela ocasião ainda não se cogitava da construção da ponte sobre o grande rio Tibagi. Desde o início, presumia-se que ela seria de aço, como todas as outras, mas naqueles dias o Brasil já era um dos pioneiros no uso do concreto armado para todas as espécies de grandes construções. Uma estimativa foi feita para o custo de uma ponte de concreto armado sobre o rio Tibagi, a qual provou ser tão mais barata do que uma ponte de aço que a autorização foi recebida para que se iniciasse imediatamente a sua construção. Isso foi feito com sucesso pela firma Rangel Christoffell.

Com a venda das terras da Cia. de Terras, a linha foi prolongada pela própria São Paulo-Paraná até Londrina, cuja estação foi aberta para o tráfego em 1935. Com o aumento das vendas de terras pela Cia. de Terras, novas cidades além de Londrina foram fundadas. A extensão da linha férrea de Londrina a Apucarana foi feita entre 1937-38 e incluía as cidades de Nova Danzig (hoje Cambé), Rolândia, Arapongas e Apucarana e, em 1938, esta última cidade no Km 269 foi aberta ao tráfego ferroviário.

Finalmente, os levantamentos para mais um prolongamento da linha até o Km. 325 foram feitos em 1939. Esse trabalho foi feito, sob empreitada, pelo engenheiro agrimensor Dr. Geoffrey Diment. No Km 325, outra cidade estava sendo planejada, a qual, como se esperava, era para ser a principal da Cia. de Terras Norte do Paraná, já que ela estava situada bem no centro de suas terras. Essa cidade tornou-se uma brilhante realidade e o nome dado a ela foi o de *Maringá*.

Nos fins de 1939, estourou a II Guerra Mundial e isso tornou-se um desastre para a São Paulo-Paraná. Devido a arranjos com o governo alemão daqueles dias, [para] alemães na maioria de origem judaica, que desejassem imigrar para o Brasil, foram permitidos a depositar (na Alemanha) fundos para o crédito da Cia. de Terras, o que dava o direito ao depositante a uma área de terras na propriedade da Cia. Esses fundos foram usados então para a compra de locomotivas e material rodante necessitados pela São Paulo-Paraná. Ao estourar a guerra, um grande pedido para esse material estava pronto para embarque, mas com o início das hostilidades, isso não foi feito, nem era mais possível, devido ao estado de guerra na Grã Bretanha, de se obter

qualquer material deste último país. Mais tarde as necessidades foram obtidas dos U.S.A.

Durante os anos da guerra a São Paulo-Paraná continuou a progredir. Na estrada de ferro o tráfego continuou a aumentar em volume, assim com as vendas de terras pela Cia. de Terras. Porém, na Grã Bretanha o elevadíssimo custo de manter o esforço de guerra ficou a cada vez maior e a fim de continuar a compra de materiais estratégicos do Brasil, a Paraná Plantations (principal acionista da Cia. de Terras) foi convidada a vender as suas propriedades no Brasil. Negociações foram iniciadas para a venda da Cia. de Terras foi adquirida por um grupo de financistas brasileiros e a São Paulo-Paraná foi comprada à *Rede Viação Paraná - Santa Catarina*.

E assim, a Cia. Ferroviária São Paulo-Paraná desapareceu completamente e com ela um dos melhores grupos de funcionários ferroviários do Brasil e, talvez, do mundo.

*London, Inglaterra
08 de janeiro de 1983.*

3.2. O rapto da mulher dama e o demônio: a presença e a influência da cultura nordestina na obra de Paulo Menten

Raphael Soares Menten¹

Resumo: Nas obras de Paulo Menten podemos identificar uma constante necessidade de representar, registrar ou denunciar o meio social no qual está inserido. Assim, a série de gravuras “O rapto da mulher dama e o demônio” convida à consideração da influência e a presença de traços da cultura nordestina na obra do artista. Em 2007, Paulo Menten recebeu o título de cidadão honorário de Londrina e permaneceu com o ateliê cidade até final de sua vida. Em 2017, o Museu Histórico de Londrina celebrou sua obra com a exposição “Paulo Mentem: 90 anos de gravura”, com curadoria de Raphael S. Menten.

Palavras-chave: Paulo Menten; Literatura e xilogravura de cordel; O rapto da mulher dama e demônio; Patrimônio Cultural.

Uma breve biografia: Paulo Menten

Paulo Menten nasceu em São Paulo no dia 17 de junho de 1927. Leitor assíduo (fato que notamos em seus diários) desenvolve noções críticas. No início da década de 1950, fez curso de desenho livre no MASP. Em 1968 resolve ser gravador profissional, tempos depois de ter tido aulas com Lívio Abramo no início da década de 1960. Logo depois, fez curso de serigrafia pelo SENAI.

Passou assim a dominar diversas técnicas das artes visuais, sendo a mais trabalhada a da gravura, abrangendo técnicas de xilografia, gravura em metal, litografia e serigrafia, se tornando verbete em dicionários de artes visuais. Além de artista visual Paulo Menten, também era escritor, dos escritos foram produzidas poesias (que originou um livro chamado “Diário de bordo inseguro”), ensaios, contos, novelas, peças de teatro que não foram publicados, fez crítica de artes em uma série de jornais, participou de diversas exposições dentre elas: o XXIº Salão Paranaense de Belas Artes de Curitiba - PR 1964, com pintura, angariando a premiação de medalha de prata, 14º Salão Municipal de Belas Artes - Juiz de Fora - MG 1964, com desenho, angariando a premiação de menção honrosa, XV Salão Paulista de Arte Moderna - São Paulo - SP 1966, com pintura, angariando a premiação de medalha de prata, 9ª e 10ª Bienal Internacional de São Paulo - SP 1969 angariando o prêmio Itamaraty, dentre muitas outras exposições nacionais e até internacionais, também foi colunista da voz povo, jornal de Cornélio Procópio da década de 1980.

Paulo Menten morou em São Paulo até meados dos anos 1970, no período em que esteve em São Paulo teve ateliê no prédio da Bienal onde permaneceu durante cinco anos, logo em seguida do período que passou a dar aulas no NUGRASP¹. Após sair do prédio da bienal, foi com o ateliê para uma casa de cultura em São Caetano, depois mudou para Cornélio Procópio e após alguns anos transferiu seu acervo para Londrina, em 2007 recebeu o título de

.....
1 Gestor do Atelier de Gravura Paulo Menten. Participa de projetos voltados a preservação da identidade e memória do artista Paulo Menten. Curador da Exposição “Paulo Mentem: 90 anos de gravura”, realizada no Museu Histórico de Londrina.

cidadão honorário e permaneceu com o ateliê até final de sua vida. Era participante e membro da Academia de Letras de Londrina. Do tempo em que permaneceu em Londrina ministrou aulas, cursos e oficinas voltados para difusão e pensamento das artes visuais. Devido às frágeis condições de saúde de Paulo, acaba voltando para São Paulo, para ficar aos cuidados da família em 2009, onde permaneceu até o falecimento em maio de 2011.

Sobre a obra: O rapto da mulher dama e demônio

Nascida do contato que Paulo Menten teve com a literatura e xilogravura de cordel em uma viagem que realizou para a Bahia, onde desenvolveu pesquisas sobre a arte popular. Deste contato com a cultura e cotidiano nordestino o que parece ter mais marcado sua passagem foram às temáticas tratadas pelo cordel, os traços de religiosidade, de literariedade presentes nas obras, além da forma com que são tratados assuntos sociais e históricos da região.

Outro aspecto de suma relevância é o fato de que Paulo Menten tinha um vínculo de produção com a academia modernista, ou seja, suas obras possuem aspectos dos artistas relacionados à academia e ao analisar suas obras fica muito difícil não encontrar tais descrições e proximidades.

Das temáticas encontradas na literatura de cordel identificamos, mesmo com determinada subjetividade, traços do cotidiano ou tradições do povo nordestino e é este aspecto que Paulo Menten tenta captar na série de gravuras “O rapto da mulher dama e demônio”, utilizando-se da linguagem do cordel nordestino.

Tendo contato com região do Pelourinho, Bahia dos anos de 1960, pesquisou não só a forma de olhar, mas como poderia explorar a temática utilizando da linguagem literária do cordel. Tratando sobre a prostituição, a forma como a mulher é vista, o papel do homem e sua influência na sociedade em questão.

Entre os casarões coloniais, as ladeiras e igrejas que constituem o hoje patrimônio histórico da região do Pelourinho, Paulo Menten se via em um ambiente rico de informações e temáticas a serem exploradas. Destas temáticas foram explorados os formatos arquitetônicos dos casarões, a sintonia existente com as ladeiras, os vários pontos de perspectiva e a movimentação que formam uma paisagem única, mas o que mais foi retratado na obra não foram os casarões, ladeiras ou igrejas e sim os personagens e as crenças ali encontrados.

Figuras emblemáticas surgem nas representações criadas, figuras como Lampião, o demônio, a mulher dama e o cantor de cordel. Cada personagem assume seu papel para contar uma história que se desenrola nas diversas matrizes e impressões de gravura.

Traços de memória

Paulo Menten pesquisou sobre a cultura popular e se deparou com a prostituição, que estava presente na cultura da região do Pelourinho e de forma poética representou este pedaço de Nordeste que tanto o impressionou.

Essa experiência e modo de olhar acabam sendo trabalhados no sentido de perpetuar aquilo a que muitos não estão dando a devida atenção, representar papéis e as relações das prostitutas com o posicionamento do homem, que ao se manter inerte frente a dificuldades e problemas sociais acabam por influenciar a prática da prostituição dessa forma “essa memória canalizada e esterilizada se revolta e se afirma a partir de um sentimento de absurdo e de abandono.” (POLLAK, 1989, p. 7).

Considerando todos os aspectos presentes na obra é inegável que certos papéis foram (e são) exercidos em nossa sociedade, mas são negados ou impelidos ao esquecimento, fazer referência ao passado nos ajuda a compreender as práticas do presente e manter o entendimento dos grupos e instituições que compõem uma sociedade e seu lugar de pertencimento, também auxilia no entendimento das oposições.

[...] têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida. (POLLAK, 1989, p. 11).

O que se coloca em discussão além da memória está relacionado à identidade, não só dos personagens representados como também do grupo ao qual pertencem.

Podemos portando dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 5).

O que podemos considerar é que sua obra perpassa o conceito de representação poética, de apenas um reflexo da memória individual, que por retratar uma memória coletiva pode ser considerada com fonte histórica tendo em vista, os casos citados de desapropriação citados no início deste texto.

Conclusão

Fica evidente ao analisar a obra de Paulo Menten que há uma intencionalidade em perpetuar sua visão do mundo ou suas memórias ao representar em sua obra suas experiências sejam vividas como atuante ou como espectador de acontecimentos, esta por sua vez tem um aspecto psicológico que tem:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423).

A temática escolhida por Paulo Menten tem seu intuito baseado no fato de que a sua experiência com a cultura popular do Nordeste não poderia ser esquecida, ainda mais sendo uma cultura da qual pode não interessar as classes políticas, a história oficial ou a quem domine os registros. Estabelecendo um registro que ficaria para posteridade.

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1996 p. 426).

Sua obra representa uma classe e uma prática que quase sempre é colocada fora das discussões oficiais e sobre o pertencimento da identidade e memória nacional. Afinal existem várias discussões sobre a figura do cangaceiro, a figura de Lampião que em momentos é tratado como herói salvador e justiceiro do povo, em outros momentos tratado como malfeitor, bandido, estuprador que foi fruto das falhas do sistema. A prostituição visto como uma doença e retirada da visão e da memória oficial como se não houvesse na história.

A memória onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1996 p. 477).

Dessa forma podemos dizer que a memória impressa por Paulo Menten serve a história e se atualiza, pois representa uma identidade por muitos negada, sem reconhecimento ou impelida ao esquecimento, mas que está presente e todas as regiões do nosso país e demonstra a preocupação e ideia de pertencimento a esta identidade mais do que brasileira.

BIBLIOGRAFIA

GLAUSIUSZ, André et al. “**Eu sou trezentos**. [Editorial]. Galeria de Arte Centro América, n.13, out. 19-.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1996.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

3.3. Lutamos pela nossa história: o caso do Museu Municipal Gecy Fonseca de Bela Vista do Paraíso/PR

João Davi Avelar Pires¹

Resumo: O autor apresenta suas vivências junto com estudantes do Ensino Médio buscando a preservação da coleção do Museu Municipal de Bela Vista do Paraíso (PR), em estado de abandono após o desabamento do telhado do prédio onde o Museu estava instalado.

Palavras-chave: Museu Municipal Gecy Fonseca de Bela Vista do Paraíso/PR; Memória; Patrimônio; Educação.

Museus são espaços de preservação. Entretanto, suas finalidades vão muito além de conservar e preservar. O museu tem a missão de expor e comunicar o acervo que nele se encontra, a partir das perspectivas que são específicas de cada instituição. Não se pode expor todo o acervo de um museu em simultâneo e, portanto, incorremos no recurso da seleção, que ocorre desde a aceitação de objetos que possuem os requisitos para a musealização até a exposição, seja cronológica, temática, entre outras. Através dessa seleção e posterior comunicação, o museu torna acessível ao público a construção – e reconhecimento - de narrativas a partir do que é exposto. No caso dos museus municipais, geralmente tratam-se de acervos relacionados à memória da cidade.

Em 1962, foi inaugurado na cidade de Bela Vista do Paraíso, localizada na região norte do Paraná, o Teatro Municipal Geraldo Moreira que, naquele momento, figurava entre um dos maiores do interior do Paraná. A construção do teatro se deu em meio à luta do “Teatro Bela Vista de Comédia”, um grupo artístico local que ativamente se mobilizava na conquista de um espaço físico para suas apresentações, que até então eram realizadas de forma itinerante em diversos locais da cidade e da região. O espetáculo apresentado na solenidade de inauguração foi “O alto da Compadecida”, de Ariano Suassuna, numa atuação do grupo “Teatro Bela Vista de Comédia”. Havia, a partir de então, um espaço onde não só os grupos locais, mas também outros artistas poderiam se apresentar, além da promoção de variados eventos artísticos e culturais.

Gecy Fonseca, morador de Bela Vista do Paraíso, juiz de paz e vereador, por muitos anos se esforçou para reunir material que pudesse contar a história da cidade e de seus moradores e das festividades que ocorriam na cidade. Com esse propósito, passou a procurar e armazenar todo tipo de material que se relacionasse, mesmo que indiretamente, à cidade. Dessa forma, Gecy Fonseca conseguiu reunir uma grande quantidade de jornais, revistas, documentos oficiais, documentos manuscritos, fotografias, quadros, além de objetos e equipamentos de madeira e metal, de uso cotidiano. Era dono da única banca de jornais e revistas da cidade, o que lhe dava acesso a muitos desses materiais.

Em conversas informais, moradores da cidade que conheceram Gecy Fonseca contam que depois do fim do expediente na banca de jornal, ele se sentava à mesa em sua casa e passava horas recortando notícias em jornais e revistas que se relacionavam à Bela Vista do Paraíso. Geralmente os recortes eram colados em papel sulfite e assinados por ele. Por vezes, uma legenda e uma descrição de cunho próprio eram acrescentadas. Todo o material era guardado em um cômodo de sua casa, sistematicamente organizado em prateleiras. Era comum que Gecy Fonseca

.....
1 Licenciado em História e Mestre em História Social pela Universidade Estadual de Londrina. Professor de História na rede de ensino básico.

exibisse em sua banca de jornais parte do material encontrado.

Ao longo dos anos, mesmo com a ausência de um museu na cidade, exposições do acervo pessoal de Gecy Fonseca foram realizadas em eventos gratuitos e abertos à população, contando com sua participação nos aspectos referentes à seleção e organização daquilo que seria exposto. Gecy Fonseca faleceu em 1992, e seu acervo pessoal ficou em posse de sua família.

Em 2005, devido ao esforço de alguns moradores da cidade, foi fundado, no anexo esquerdo do Teatro Municipal, o Museu Municipal Gecy Fonseca, tendo como acervo aquilo que foi, por décadas, reunido por Fonseca. O museu foi aberto com acervo majoritariamente originário de doações realizadas pela família Fonseca. O acervo era composto por peças e objetos diversos, como relacionadas à arqueologia, à temática indígena, à ciência e tecnologia, história, imagem e som, além de curiosidades, como objetos provenientes de outros países. No acervo, destaca-se a grande quantidade de panfletos e anúncios de eventos de todo tipo que ocorreram na cidade, como shows, festivais de música, concursos de beleza, comemorações do aniversário da cidade, eventos cívicos, esportivos, entre outros.

O museu funcionou ininterruptamente por quatro anos, de 2005 a 2010, quando uma forte chuva - associada a problemas estruturais do edifício - fez com que o telhado ruísse sobre o Teatro e sobre o Museu. À época do desabamento, funcionava também, no outro anexo, a Biblioteca Municipal, cujo acervo foi quase completamente destruído. Devido à ausência de locais para acomodação temporária, teatro, museu e biblioteca foram desativados.

Devido ao desastrosos desabamento do telhado e do contato da água da chuva com o acervo museológico, parte significativa foi destruída, parte voltou aos doadores e parte foi armazenada no Centro de Convivência de Idosos do município.

No segundo semestre de 2015, juntamente com Leilane Patrícia de Lima, cuja pesquisa de pós-doutoramento envolveria o Museu Municipal Gecy Fonseca, demos início a uma busca por informações sobre o destino do acervo museográfico municipal. Após uma série de dificuldades, conseguimos acesso através da secretária municipal de Cultura, Natacha Thanes Montemor, ao local onde o acervo estava armazenado.

Ao chegarmos ao local, ficamos bastante surpresos com as condições em que ele se encontrava. O acervo estava fechado numa sala de madeira, com documentos, fotografias, molduras, peças de madeira e metal utilizadas no cotidiano, amontoados sem nenhum tipo de cuidado, em meio a cacos de vidro, fezes de rato, veneno, insetos mortos e todo tipo de sujeira. Desde 2010, o acervo estava ali e nenhum tipo de cuidado havia sido tomado para sua preservação, nem indícios de que havia interesse público pela preservação e reativação do museu.

Conscientes de que se providências precisavam ser tomadas, resolvemos interferir para que o acervo que resistiu a chuva e ao desabamento não viesse a ser destruído pela acomodação inadequada.

Consideramos o museu a partir da perspectiva defendida por Pierre Nora, a de que o museu é um local de memória (NORA, 1993) com o poder de comunicar e de narrar, através da exposição de diferentes tipologias do patrimônio cultural relacionadas a uma cidade, uma região, entre outros. O museu nos apresenta e nos comunica parte dessa história, evidentemente selecionada por diferentes elementos e circunstâncias, organizando discursos que promovem e veiculam representações sobre o passado, mas, também do presente (ANDREONI, 2011). Nesse sentido, a relação entre passado e presente é intrínseca, visto que o processo histórico aglutina diferentes temporalidades. Essa relação entre passado e presente se faz clara na seleção daquilo que será exposto, no valor e na ênfase que atribuímos a cada objeto. Tais elementos são atribuídos a partir do presente.

Nosso trabalho não poderia ser feito de forma individual, portanto, fomos uma parceria com a Divisão de Cultura de Bela Vista do Paraíso, Leilane Patrícia de Lima e com o

Museu Histórico de Londrina. A ideia era envolver os estudantes do Ensino Médio das escolas do município, públicas e particular, numa curadoria participativa e voluntária em relação ao acervo municipal.

O Museu Histórico de Londrina, através do qual tive contato com Leilane P. de Lima, propôs a organização do trabalho inserido no programa de extensão apoiado pelo MEC/SESU, “Contação de Histórias do Norte do Paraná”. Através desse programa, recebemos a orientação de técnicos do Museu e oficinas para os estudantes ministradas por acadêmicos do curso de História (UEL). Todos os envolvidos no projeto, professores e estudantes foram certificados pelo Programa.

Nosso trabalho teve início em novembro de 2015, com doze estudantes participantes, quatro de cada escola envolvida: Colégio Sagrado Coração, Colégio Estadual Jayme Canet e Colégio Estadual Brasília de Araújo. Em setembro de 2016 chegamos a quarenta estudantes voluntários que, semanalmente, contribuíam com algumas horas de atividades para a recuperação do acervo do museu histórico de Bela Vista do Paraíso.

O trabalho proposto se divide em diversas etapas necessárias até a reabertura do museu. Pelo fato do acervo ter sido amontoado em condições graves para sua conservação, a limpeza do local e a separação das peças por tipo de material foi nosso primeiro passo.

Em seguida, foi preciso retirar documentos, jornais e fotografias dos sacos plásticos em que se encontravam, devido às condições propícias para degradação, e os acomodamos entre folhas de papel sulfite, dentro pastas de plástico polionda. Todos os documentos foram fotografados e as pastas numeradas respeitando-se o conjunto original dos documentos.

A etapa seguinte priorizou a higienização, iniciada em 2016, de documentos em papel, jornais e fotografias. Depois, foram contemplados também os objetos tridimensionais.

Em simultâneo à higienização, todos os itens foram fotografados e suas imagens armazenadas digitalmente, numerados, identificados e descritos, de forma que todos os dados permaneçam acessíveis no sistema do Museu Municipal Gecy Fonseca.

Após os cuidados iniciais do acervo, será possível a reabertura do museu e a realização de exposições de longa duração e temporárias. O “novo” museu será reaberto no Departamento Municipal de Educação, Cultura e Esporte e contará, sob nossa supervisão, com exposições organizadas pelos próprios estudantes participantes do projeto.

Em suma, nosso trabalho caracteriza-se como um esforço coletivo, envolvendo diversos órgãos, instâncias e a comunidade escolar, com um propósito que consideramos de grande importância: evitar a destruição e perda de acervo importante para a memória e a história de Bela Vista do Paraíso. É uma luta em conjunto com jovens estudantes do ensino básico, parte da comunidade que reconhece a importância da sua história, a preservação do seu patrimônio, a sua comunicação para outras pessoas e para as gerações que nos seguirão.

Nesse processo formou-se uma rede de sujeitos que ofereceram apoios variados para que os restos de um museu que não morreu, continuasse vivo e inspirando o reconhecimento e o desejo de proteção ao patrimônio comum, e o acesso democrático à memória coletiva.

BIBLIOGRAFIA

ANDREONI, Renata. Museu, comunicação e poder. **Revista Intratextos**, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 1-15, 2011.

NORA, Pierre. Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

4. ENTREVISTA

4.1. Gordon Fox Rule

Arquivo Museu Histórico de Londrina



Nasceu em 16 de agosto de 1898, no estado de São Paulo, e veio para Londrina em 1931, para auxiliar na contabilidade da CTNP. Foi chefe e procurador do escritório da CMNP, em São Paulo. Tornou-se o funcionário mais antigo da CTNP e CMNP. Faleceu em 1987.

GCS: Hoje é dia 22 de novembro de 1977. Estamos em São Paulo, nos escritórios da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, Rua São Bento, [...] entrevistando o senhor Gordon Fox Rule, chefe do escritório e procurador da Companhia. [...] Senhor Rule, é verdade que o senhor atualmente é o funcionário mais antigo da Companhia Melhoramento Norte do Paraná? O senhor pode nos dizer em que data e com que idade o senhor iniciou o trabalho na Companhia?

GFR: Perfeitamente. Sou o mais antigo empregado desta Companhia, desde o tempo da Companhia de Terras Norte do Paraná. Tenho 51 anos de casa e... entrei no dia primeiro de janeiro de 1926, por chamado do então director. [...]

GCS: É quando que o senhor foi a primeira vez para Londrina? Conte-nos algo sobre essa viagem naqueles tempos tão difíceis.

GFR: Em 1931, quando partimos do quilômetro 82 da então Companhia Ferroviária São Paulo Paraná e a companhia do senhor Alceu, em uma jardineira levando 11 compradores.

GCS: [...] Em Londrina, onde o senhor se hospedou?

GFR: Hospedamos todos no Hotel Campestre numa pouca distância de... Jataí. Agora, o interessante é que, em meio ao caminho, após partirmos de Jataí, foi um mês de grande frio, julho, o carro velho... a velha jardineira falhou e, quando o senhor Smith procurou, havia um pouco de gasolina, procurou a lata da nossa reserva e infelizmente foi roubada antes da partida, [...] precisamos ir uns dez quilômetros a pé e chagamos no hotel altas horas da noite. [...]

GCS: Sendo o funcionário mais antigo o senhor deve ter muita coisa interessante para contar e deve ter encontrado muita gente interessante também. O senhor sabe algum episódio, alguma pessoa que se destacou é... que ficou gravado mais na sua memória, como mais interessante?

GFR: Uma infinidade de coisas acontecem no decorrer de 50 anos de casa, de maneira que eu levaria um tempo enorme pra descrever tudo. Porém, a pessoa mais importante que eu fiquei conhecendo foi o então Príncipe de Gales e alguns da sua comitiva, que vieram inspecionar as terras e a construção de São Paulo e Paraná naturalmente aos nossos cuidados. [...]

GCS: É... naquele tempo que o senhor visitou Londrina, o que achou de Londrina naquele ano de 1931? Tinha muita coisa lá ou não tinha nada ainda?

GFR: É muito primitivo. Tanto que o senhor Smith e eu, como não tinha banheiro, tomávamos banho num riacho e ele me abanava para me proteger dos borrachudos e eu, quando vestia alguma coisa, que tinha tomado meu banho, eu abanava o corpo dele pra proteger dos insetos. Era divertidíssimo.

RULE, Gordon Fox. **Depoimento.** São Paulo: 1977. Entrevista coordenada por George Craig Smith. Transcrição de Taiane Vanessa da Silva. Fita Cassete original pertencente ao Museu Histórico de Londrina. 11 min.

5. ASAM

5.1. A associação de amigos existe para apoiar o museu

Através de uma associação de amigos, o museu pode contar com uma comunidade ativa pelo bem do patrimônio histórico de uma nação, trabalhando com pessoas que convergem para os mesmos fins das instituições em que atuam, além de assegurar um apoio e retorno financeiro. Pensando no “[...] inegável crescimento do campo museal brasileiro [...]” o planejamento da gestão destas instituições se torna uma obrigação no mundo contemporâneo.

Encontramos na Europa no século IX as primeiras organizações civis que visavam o auxílio aos museus. Uma das associações de amigos dos museus mais antigas é a do Museu do Louvre, em Paris. A Societé des Amis Du Musée du Louvre foi criada em 1897. (...) Aceitava que a cooperação da iniciativa privada poderia suprir as insuficiências do Estado e fazer frente à concorrência estrangeira (...).

Com mais de 6000 sócios, a Sociedade é hoje o principal patrocinador privado do museu. Ela defende um modelo original de patrocínio coletivo que conta com o auxílio de seus visitantes mais fiéis e oferece vantagens e atrativos através do seu Cartão de Amigo. As contribuições e doações que recebe de seus membros, lhe permite ter um orçamento anual médio, para aquisições de obras de arte, de cerca de 3 milhões de euros. (...)

Já a estrutura de organização dos museus norte-americanos apresenta um modelo de gestão diferente. Há neles uma atividade chamada *Development*, que, conforme Rosane Maria da Rocha de Carvalho,

[...] engloba os setores de associações de amigos voltadas para indivíduos e para empresas, eventos especiais, relações públicas e publicidade, publicações, livrarias, lojas, design de produtos e restaurantes. Esta atividade tem com o objetivo primordial captar recursos para custear as atividades próprias de um museu – aquisição de obras, preservação do acervo, pesquisa e exposições – e aumentar a sua comunicação com os diferentes segmentos de público, também do ponto de vista social, tornando-os mais inclusivos. (2001, p.1)

Transcrito de:

Daiane Michele do Prado. Associação de amigos de museus: estudo de caso da atuação das associações em prol dos museus em Porto Alegre. TCC. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. UFRS, 2015.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

1. Inédito;

- Título
- Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
- Resumo - máximo 50 palavras;
- Palavras-chave até 6 palavras;
- Texto não deve ultrapassar 5 laudas (Word for Windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
- Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
- Deverão ser apresentados em CD e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.

2. Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

3. Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

4. Nome completo do autor(es) e constar nas referências.

5. As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em CD. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

Contato Museu Histórico de Londrina
Fone: (43) 3323-0082 | bibmuseum@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Diretoria Acadêmica

Profª Drª Regina Célia Alegro

Secretaria

Cesar Augusto de Poli

Auxiliares Operacionais

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Neiva Lemes Albrecht Batista

Vanessa Andréia Borela Ferreira

Ação Educativa

Regina Célia Alegro

Edeni Ramos Vilela

Biblioteca e Documentação

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Comunicação Social

Bárbara Daher Belinati

Imagem e Som

Célia Rodrigues de Oliveira

Rui Antônio Frias Cabral

Objetos Tridimensionais

Amauri Ramos da Silva

Estagiários

Adja Nadine de Souza | Alex Moraes de Mello | Amanda Maki Kobayashi
Ana Luisa Moure Peres | Ana Paula Bellomo de Souza | Ana Raquel Abelha Cavenaghi
André Xavier da Silva | Aryane Kovacs Fernandes | Barbara F de Carvalho Francisco
Bianca Neves Boletti | Camila de Almeida Brito | Carlos Eduardo Vizu Brenzam
Cristiano Aparecido do Nascimento | Danilo Amaral Dos Santos Colaborador
Eduardo Eiti Fujikawa | Flavio Alfredo Martins | Gabriel Arantes Correa
Gabriel Formigoni Jardinette | Gabriela de Carvalho Ribeiro | Gabriella Gomes Salgado
Giovana Ferreira de Faria | Gregório Bernardino Matoso | Guilherme Tavares Lopes Balau
Gustavo Andre de Souza da Silva | Henrique Mantovani Petrus | Ines Caroline Lelis
Isabella Pezzo Beraldo | Juliana Sayuri Nakatani Chida | Larissa Moraes Martins
Leticia Fernandes de Oliveira | Luana Bortoletto Gonçalves | Lucas do Valle Gaino
Lucas Ferreira Motta | Matheus de Freitas Figueiredo | Matheus Silva Dallaqua
Maykon Angelo da Silva Barros | Osvaldo Fiorato Junior | Pedro Henrique Cezar
Rafael Vitor Mattos Pires | Rodrigo Santana de Oliveira | Sandra Sanches da Cunha
Thiago Souza Brito | Vinicius Luiz Iatecola da Cunha

Museu Histórico de Londrina

Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro, Londrina - PR

CEP 86010-350 | Tel (43) 3323-0082 | museu@uel.br

www.uel.br/museu



Exposição A Palavra em Risco. Curadoria Comunidade Social Cristã Beneficente de Mandaguari-PR. Intervenções Paulo Compagnol



2ª Festa das Nações Lusófonas.



Oficina para estudantes no Museu Municipal Gecy Fonseca em Bela Vita do Paraíso



Oficina para estudantes no Museu Municipal Gecy Fonseca em Bela Vita do Paraíso



Bolsistas partindo para oficinas na escola



Com o Colégio Estadual Malvino Salvador em Porecatú

Realização



Universidade
Estadual de Londrina



MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

FUNDAÇÃO
ARAUCARIA

Apoio ao Desenvolvimento Científico
e Tecnológico do Paraná

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PATRIA EDUCADORA